

O (DES)ÓCIO CONTEMPORÂNEO E SEUS DESDOBRAMENTOS NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO: REFLEXÕES EXISTENCIAIS SOBRE O ÓCIO NA SOCIEDADE DO DESEMPENHO

Lorena de Azevedo Gomes
Mestranda do Programa de Pós Graduação em Cognição e Linguagem (UENF)
lrnpsicologa@gmail.com

Daniel Fonseca Ferreira
Mestrando do Programa de Pós Graduação em Cognição e Linguagem (UENF)
matcdan@hotmail.com

Gabriel Derrico Pedrosa
Graduado em Psicologia (UFF)
gdp.derrico@gmail.com

Crisóstomo Lima do Nascimento
Professor do Programa de Pós Graduação em Cognição e Linguagem (UENF)
crisostomoln@gmail.com

Introdução

Este trabalho se propõe a pensar por meio de reflexões existenciais sobre o (des)ócio contemporâneo e seus desdobramentos no âmbito da educação, partindo do pressuposto de que a contemporaneidade está atravessada pela lógica do desempenho e da produtividade capitalista, que desvaloriza cada vez mais os processos, o ócio criativo e o pensamento meditativo, outrora supervalorizados na sociedade grega ateniense em séculos passados. A valorização do ócio naquele tempo contribuiu para que a Grécia se tornasse o berço da civilização, tendo em vista o quanto os atenienses valorizavam a abertura de espaços para a construção coletiva de ideias no campo artístico, político, educacional, etc. Entretanto, com o advento do capitalismo, percebe-se uma intensificação da lógica de exploração e obtenção que atravessam as estruturas fundamentais vigentes no âmbito da educação. Logo, se faz necessário um aprofundamento das estruturas que engendram tais práticas limitantes, a fim de algum modo minimizá-las, potencializando a liberdade criativa do ser ao longo da sua existência, bem como, valorizando a condição de um certo ócio tão evitado atualmente. Para isso, foi adotada como metodologia a revisão da literatura, com os autores: Martin Heidegger (2002), Byung-Chul Han (2015, 2018), Domenico De Masi (2000) e Istvan Mészáros (2005).

Fundamentação teórica

De acordo com De Masi (2000) no período da Grécia Antiga os homens atenienses livres e considerados cidadãos saíam de suas casas pela manhã a fim de se reunirem em grandes praças públicas denominadas Ágoras durante a maior parte do dia, para debaterem assuntos relacionados à política, filosofia, ciência e demais questões cotidianas às custas do trabalho braçal que era realizado pelas mulheres e pelos escravos que não podiam ter esse mesmo privilégio da ociosidade, que significava “não suar”. Esta prática era supervalorizada pois era percebida enquanto um momento importante para o desenvolvimento de reflexões sobre o mundo, possibilitando por meio destes momentos de meditação o surgimento de ideias relevantes para o desenvolvimento da civilização grega. Diante disso, podemos observar a ascensão de diversos pensadores deste período histórico ainda estudados na atualidade, como Sócrates, um grande filósofo e educador que corroborou com indagações e reflexões sobre o mundo e demais assuntos relacionados à educação e questões humanas pertinentes.

Entretanto, com o advento do capitalismo e toda a sua lógica de exploração, obtenção, desempenho e produtividade exacerbada, percebe-se que o sentido de ser do ócio na contemporaneidade não é mais o mesmo visto no período histórico referido anteriormente, pois atualmente os ociosos são mal vistos, já que rompem com a lógica vigente do viver para produção. De acordo com Byung-Chul Han (2018) morrer seria o mesmo que cessar de produzir, ou seja, no momento em que não temos mais utilidade para um determinado meio de produção passamos a ser vistos como mortos, um peso para a sociedade, não havendo espaço para outros modos de vida mais contemplativos como expressa Heidegger (2002) ao falar sobre o pensamento meditativo reflexivo, que faz crítica ao pensamento calculador da representação do mundo e da objetificação das coisas com o intuito de alcançar resultados padronizados. O pensamento heideggeriano afirma que “o homem atual está em fuga do pensamento” e como nunca antes essa fuga se vincula à sociedade do desempenho atual e suas constantes práticas de negação do ócio criativo e desvalorização de áreas do conhecimento que a incentivam, visando apenas a obtenção de resultados sem nenhuma atitude reflexiva mediante às possíveis consequências de tais práticas (Heidegger, 2002, p.12)

Ainda segundo Han (2015), vivemos na sociedade do desempenho, cujos habitantes têm a função de produzir, seguindo a lógica capitalista da supervalorização do lucro e de que as pessoas tudo podem. Desse modo, o autor aborda a violência do excesso de positividade, emergente de uma sociedade do igual, da comunicação generalizada e da superinformação saturante e exaustiva, que coopera para o esgotamento físico e psicológico do humano, ao disseminar que ele é capaz de fazer qualquer coisa. Entretanto, sabemos que não é tão simples assim, pois essa lógica não explicita a possibilidade de que nem sempre a nossa condição humana conseguirá dar conta de todas as demandas cotidianas presentemente exigidas e cabe ressaltar que isso não está correlacionado a uma condição de fraqueza, mas sim de humanidade. Desse modo, tal pensamento corrobora para que as pessoas estabeleçam relações cada vez mais adoçadas consigo mesmas através de sentimentos de autocobrança e auto exploração ao decorrer da sua vida cotidiana.

Considerando isto, De Masi (2000) destaca a importância de uma certa disponibilidade de tempo para o ócio criativo, visando o desenvolvimento cultural, filosófico, político e artístico das pessoas, ampliando assim outros modos de ser e existir no mundo com os outros. Entretanto, na atualidade o acesso ao ócio criativo parece estar cada vez mais precário com a supervalorização da inteligência artificial em detrimento da inteligência natural, sendo esta última imprescindível para o estabelecimento do ócio criativo. Ou seja, esta condição exige uma atenção profunda e contemplativa que propicie de certo modo uma espécie de tédio, que abrirá caminhos para o surgimento da experiência do processo criativo, o que difere da pura inquietação, que só reproduz e acelera o que já existe. (Han, 2015, p.19)

Desenvolvimento

A maneira como o filósofo Byung-Chul-Han (2015) caracteriza a Sociedade do Desempenho a partir do seu livro “Sociedade do Cansaço” aponta para uma mudança de paradigma no qual o modo de vida da sociedade atual modifica-se para sustentar uma predominância de esquemas de produtividade, a partir dos quais a negatividade e o ócio dão lugar a uma posição determinativa sobre objetos que estão sob seu domínio. Com isso, percebe-se que no des(ócio) correspondente a esta diligência que coloca o mundo como um recurso meramente disponível ao nosso uso, também há uma certa presteza em não se estar disposto à própria condição de liberdade humana. Nesse contexto de dominação que anseia pela positividade do poder (Han, 2015), as práticas educacionais também são marcadas por uma tentativa de domínio que esfarela a densidade dos processos educacionais. Logo, o des(ócio) envia o processo educacional para um âmbito que reivindica um *modus operandi* que transforma não só a própria educação em mercadoria, mas, principalmente que, ao transformar a educação em produto, o próprio humano estabelece uma relação produtivista consigo, na qual ele mesmo acaba se conformando a um lugar de produto, ou melhor dizendo, de objeto. Trata-se, portanto, de uma armação estrutural que é encomendada pelo modo de vida exploratório com o mundo ao seu redor.

Dessa forma, tais aspectos demonstram que, para estipular tentativas de transformações efetivas no âmbito educacional, faz-se necessário uma compreensão radical do modo como o processo educacional vem se constituindo histórico e socialmente no contemporâneo (Mészáros, 2005). Tal que, para efetivar uma transformação radical que considere a conjuntura sistêmica predominante em nossa época parece importante ter como pré-requisito uma mudança desde o âmago de toda lógica estrutural que rege os modos de lidar com a formação educacional atual, assim como nos aponta István Mészáros:

“É por isso que hoje o sentido da mudança educacional radical não pode ser senão o rasgar da camisa-de-força da lógica incorrigível do sistema: perseguir de modo planejado e consistente uma estratégia de rompimento do controle exercido pelo capital, com todos os meios disponíveis, bem como com todos os meios ainda a ser inventados, e que tenham o mesmo espírito” (Mészáros, 2005, p. 35).

Em outras palavras, é necessário duvidar sobre o sentido do termo educação sem tomá-lo de maneira tácita e já dada. Não é trivial se questionar sobre como as diretrizes educacionais atuais vêm naturalmente se desdobrando a partir de um lugar de produção que reduz a amplitude da liberdade humana ao tentar se apoderar dela por uma via de produção vinculada ao (des)ócio. Ensino e aprendizagem, tal como vem se instaurando no espírito do tempo contemporâneo, tendem a ser capturados por uma lógica calculante (Heidegger, 2002), que estrangula a possibilidade de pensamento criativo que corresponde ao modo de ser mais originário da condição humana. A sistematização da ausência do ócio que se articula a partir da corrente busca de resultados que impera no pensamento hegemônico da Sociedade do Desempenho age como se desvinculasse o sentido de ser da educação do fundamento que permite a sua compreensão mais ampla (Han, 2015). Isso mostra que a dinâmica do capital não se trata apenas de uma relação monetária onde se troca de produtos, benefícios e quantias de moedas. A dinâmica do capital, mais do que um sistema financeiro, corresponde a um modo de operação com o mundo, consigo e com as coisas ao seu redor mediante o império de uma lógica que, no contexto de nosso recorte temático, destitui a educação da condição de ser um espaço que, por intermédio de uma certa ambiguidade, permaneceria livre para as inovações arraigadas na criatividade humana (Mészáros, 2005). Assim, a partir da pré-determinação moral do *checklist* de metas e protocolos educativos a serem cumpridos, a educação é enviada a um lugar estático de certeza, garantia e previsibilidade na qual o pedestal de sua posição equivale a um modo de

privação que, ao ocupar o “livre” do espaço, dificulta uma certa liberdade de mostração daquilo que poderia ser chamado de ócio criativo.

O ócio parece estar radicalmente vinculado ao processo educativo em seu sentido mais originário. O (des)ócio, por outro lado, não deixa de ser uma tentativa de permanecer em um âmbito educacional previsível, seguro, e por assim dizer, endurecido e rígido. O ócio demanda uma certa flexibilidade para debruçamento, demora e contemplação, típico do pensamento meditante firmado por Heidegger (2002). E o sistema educacional, por estar sob a égide de cobrança de retorno, eficiência e sucesso enquadrado aos moldes da velocidade do capitalismo, é fortemente balanceado quando admite em sua postura uma possibilidade pedagógica e didática que não esteja vinculada ao desempenho e à aquisição de benefícios.

Fica evidente, portanto, que a atual busca por performance e desempenho corresponde a evitação das condições inevitáveis do humano: a possibilidade de criação e criatividade que permeiam qualquer experiência mundana. É nesse contexto de experientiação, o qual irrompe desde a condição essencial da existência, que pode-se abrir um cuidadoso âmbito de reflexão capaz de manifestar toda diversidade existencial através de expressões artísticas que, mediante a possibilidade humana de imaginar e se reinventar, vigoram simbolicamente em sua própria alteridade constitutiva (Han, 2018). De outro modo, o ócio nos comove a uma possibilidade de produção distinta daquela presente em um discurso esvaziado de sentido no qual a voz do outro vem ao nosso encontro como algo já dado. O ócio parece permitir ao ser-humano a oportunidade de se tocar, e, ao permanecer nesse contato consigo mesmo, legitimar uma forma de produção que, diferentemente daquela presente na lógica do capital regente da Sociedade do Desempenho, admite em seu horizonte de sentido a geração de valor e propósito decorrente da expressividade do seu próprio ser. Assim, aproxima-se de si o outro enquanto outro e não mais apenas como uma reprodução automática em série (Han, 2018).

Conclusão

Contudo, a sociedade capitalista, produtivista e imediatista atual pode corroborar para o adoecimento do humano contemporâneo ao decorrer do seu processo educacional, ficando evidente a necessidade de uma reflexão mais demorada sobre este assunto. Sabemos que a educação para além da formal, no que tange o conhecimento e o aprendizado, fomenta maior criatividade e reflexão, condições paradoxais ao serem postuladas perante o formato do capitalismo. Logo, para se sentir inserido, bem sucedido e bem visto nesta sociedade o humano se dispõe a agir de formas específicas que vão na contramão de uma valorização de si mesmo, o que inclui um modo de vida pouco saudável, com intensas horas dedicadas à multitarefa e total foco na quantidade e não na qualidade, fazendo com que o aprendizado seja reduzido a produzir, e não adquirir conhecimento *per se*. Dessa forma, o ser é sufocado estruturalmente através da participação ativa em um sistema que não cria distinções, determinando-o como igual perante os outros e sujeitando-o à uma avaliação constante baseada na produtividade e na submissão. Portanto, o ócio ressurgiria como ferramenta de confronto, viabilizando ao ser novamente a possibilidade da liberdade criativa, da autonomia e da expressão individual, condições ideais para o exercício do pensamento reflexivo.

Referências bibliográficas

De Masi, Domenico. O ócio criativo - Domenico de Masi: entrevista a Maria Serena Palieri; tradução de Léa Manzi. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

Han, Byung-Chul. Sociedade do cansaço. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

Han, Byung-Chul. A Expulsão do Outro – Sociedade, Percepção e Comunicação Hoje. Lisboa: Relógio D'Água, 2018.

Heidegger, Martin. "Serenidade". In Heidegger, Martin. Serenidade. Tradução: Maria Madalena Andrade e Olga Santos. Lisboa: Instituto Piaget, 2002.

Mészáros, István. A educação para além do capital. São Paulo: Boitempo, 2005.